

**As obras da
FUVEST - UNICAMP**

9

O Cortiço



ALUÍSIO AZEVEDO

O CORTIÇO



1. VIDA E OBRA

Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo nasceu em São Luís do Maranhão, em 1857. Ali fez seus estudos até ir para o Rio de Janeiro, com dezenove anos de idade, a chamado do irmão mais velho, o comediógrafo Artur Azevedo. Na Corte, valendo-se de seu talento como desenhista e de seu espírito crítico, trabalhou como caricaturista em jornais políticos e humorísticos. Com a morte do pai, que era vice-cônsul português em São Luís, voltou para a cidade natal e colaborou na imprensa de oposição com sátiras sobre o conservadorismo do meio maranhense. Lutou contra a escravatura, as injustiças sociais, o obscurantismo do clero, a estrutura repressiva da sociedade. Seus artigos lhe valeram um processo criminal movido por representante da Igreja.

Em 1881, publicou o romance *O Mulato*, obra que introduziu o Naturalismo no Brasil. No livro, retrata o preconceito racial corrente nas famílias ricas da província. Isso irritou a tal ponto a sociedade de São Luís, que ele resolveu mudar-se para o Rio. Lá, procurou profissionalizar-se como escritor e, de 1882 a 1895, escreveu sem interrupção romances, contos, operetas e revistas teatrais. Integrou-se a grupos boêmios, ao lado de escritores como Coelho Neto e Olavo Bilac. Desencantado com a carreira de escritor, ingressou na vida diplomática, servindo na Espanha, no Japão (sobre o qual deixou um livro inaca-

bado), no Uruguai, na Inglaterra, na Itália, no Chile e na Argentina. Morreu em 1913, com 56 anos, em Buenos Aires, onde se encontrava em missão diplomática.

2. O NATURALISMO

Aluísio Azevedo é considerado o iniciador do Naturalismo na literatura brasileira. O Naturalismo foi uma tendência do Realismo que procurava levar a literatura a se integrar no grande movimento da ciência. É preciso lembrar que o século XIX conheceu um desenvolvimento científico sem precedentes e que o modelo de conhecimento proposto pela ciência gozou de prestígio extraordinário. A literatura realista procurava basear-se numa observação minuciosa da realidade. O Naturalismo, além de observação minuciosa, queria fundamentar-se num método científico, aplicando-o àquilo que o grande romancista francês Émile Zola (1840-1902) chamava “documentos humanos”. O romance era visto como uma “experiência” em torno do comportamento individual e social. Os naturalistas eram *deterministas*, porque acreditavam que o comportamento humano fosse determinado por um triplo condicionamento: o condicionamento de *raça* (o fator biológico, genético), de *meio* (o fator social) e de *momento* (o fator histórico). Se a realidade fosse observada com precisão e os fatores determinantes fossem equacionados com rigor, o romance valeria como um experimento científico.

Isso explica por que, em *Casa de Pensão* (1884), Aluísio Azevedo, buscando um “documento humano”, baseou-se numa questão policial ocorrida no Rio de Janeiro, envolvendo dois estudantes e a irmã de um deles. Isso também esclarece por que *O Cortiço* procura ser uma representação precisa, fotográfica, da realidade que toma como tema (A fotografia, uma técnica nova na época, era apreciada pelos naturalistas, que a tomavam como um ideal de representação objetiva e precisa.).

Os naturalistas eram pessimistas em relação à natureza, ao homem e à sociedade. A idealização da natureza, dominante no Iluminismo do século XVIII e no Romantismo do XIX, é decididamente abandonada. Ao contrário da concepção de Rousseau, segundo a qual o homem é naturalmente bom, os naturalistas o viam, já por natureza, roído por defeitos, por moléstias psíquicas e físicas. Examinar o que ocorreria com esses dados de natureza

quando submetidos às pressões do meio social e quando enquadrados num momento particular da história humana, utilizando para tanto as ciências da natureza (a Biologia) e da sociedade (a Sociologia e a História) — esse era o ideal do escritor naturalista, um ideal que não é propriamente científico, como queriam os naturalistas, mas sim “cientificista” (O cientificismo ou cientismo não corresponde à prática científica, mas sim a uma ideologia da ciência, tomada como modelo absoluto, capaz de resolver todos os problemas e satisfazer a todas as necessidades humanas.).

Os naturalistas também rejeitavam as idealizações e o subjetivismo dos românticos. Como os realistas em geral, eles pensavam que essas idealizações e esse subjetivismo eram uma péssima forma de engano e deseducação das pessoas. Assim, não é de estranhar que em vários romances do Realismo-Naturalismo o caso analisado seja o de uma pessoa intoxicada por ilusões românticas. É o que ocorre com a personagem que dá título ao célebre romance *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (publicado aliás no mesmo ano em que nasceu Aluísio Azevedo); é o que ocorre também com Luísa, a jovem adúltera de *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós.

O Naturalismo se afasta do Romantismo tanto nos métodos de composição (observação e ciência, ou pseudociência, são usadas em lugar da fantasia) quanto nos temas tratados e no estilo utilizado. Os temas refletem a visão crítica e pessimista do movimento: no plano individual, a animalidade do homem, visto em seu aspecto instintivo, em suas taras e aberrações, sobretudo sexuais; no plano coletivo, os aspectos decadentes e perversos da sociedade, focalizada especialmente na degradação das classes baixas e na monstruosidade das elites. Quanto ao estilo, os naturalistas, como os realistas em geral, procuram representar a realidade “diretamente”, e não através de elementos ideais, como símiles, comparações, metáforas. Estas últimas figuras tendem à idealização; por isso, os realistas preferem a *metonímia* e a *sinédoque*, figuras em que um objeto é substituído não por outro parecido, como na metáfora, mas por outro que tem relação *real* com ele, por se achar próximo, no mesmo contexto. A diferença pode ser percebida se compararmos uma metáfora romântica, como “lábios de mel”, que Alencar usa para descrever a boca de Iracema, com uma sinédoque realista, como “ombros nus”, com que Tolstói indica mulheres de vestido decotado, com a substituição do todo (as mulheres) pela parte (os ombros), sem qualquer idealização.

Passada a moda do cientificismo, que o Naturalismo defendeu ardorosamente, o que sobra do movimento é a renovação estilística e a ampliação temática da literatura. No Brasil, a obra mais significativa que se pode considerar naturalista é *O Cortiço*, o melhor livro de Aluísio Azevedo e um dos bons romances de nossa literatura.



Típico cortiço do Rio de Janeiro, no final do século XIX.

3. O CORTIÇO

O Cortiço foi publicado em 1890, em meio à atividade febril de produção literária a que Aluísio Azevedo se viu obrigado, em seu projeto de profissionalizar-se como escritor. Teve de escrever muitos romances e contos para atender a pedidos de editores, que procuravam corresponder ao gosto do público leitor, um gosto marcado pelo pior tipo de romantismo. Por isso, produziu muita literatura inferior, baixamente romântica, estilisticamente descuidada. Mas *O Cortiço* tem situação inteiramente à parte nessa produção numerosa e quase toda sem importância, pois nesse livro Aluísio pôs em prática os princípios naturalistas em que acreditava e toda a sua capacidade artística.

O romance é de nítido recorte sociológico, representando as relações entre o *elemento português*, que explora o Brasil em sua ânsia de enriquecimento, e o *elemento brasileiro*, apresentado como inferior e vilmente explorado pelo português. A obra revela a aceitação de ideias filosóficas e científicas do tempo: aparecem, diluídas no livro, noções de *determinismo* e de *evolucionismo*.

Na elaboração de *O Cortiço*, Aluísio Azevedo seguiu, como em *Casa de Pensão* (que é bastante inferior), a técnica naturalista de Zola. Visitou inúmeras habitações coletivas do Rio; interrogou lavadeiras, capoeiras, vendedores, cavouqueiros; observou-lhes a linguagem; escutou atento os ruídos coletivos dos cortiços; sentiu-lhes o cheiro (como na obra de Zola, as imagens olfativas têm importância na fixação do ambiente, segundo um processo criado pelos naturalistas); viu-lhes a promiscuidade e notou que as coletividades, apesar de divergirem, são ligadas por um estranho sentimento de classe, que as une, nos momentos mais críticos, quando são esquecidos os ódios e as divergências. Com toda essa “documentação”, criou o enredo em torno de um problema social que se tornava mais e mais grave, com a formação de grandes massas urbanas proletárias, constituídas em boa parte pelos

operários dos primórdios da industrialização do País.

Duas grandes qualidades devem ser observadas no estilo de *O Cortiço*: uma é a grande capacidade de representação *visual* do autor, certamente relacionada com sua habilidade para o desenho (como vimos, Aluísio exerceu, em certa época, a atividade de caricaturista) e que faz que tenhamos frequentemente, ao ler o romance, a impressão de estar assistindo a um filme; a outra é a sua formidável habilidade para dar vida à multidão, ao grande grupo humano dos moradores do cortiço. De fato, *vemos*, no romance, essa coletividade pulsar, reagir, alegrando-se, deprimindo-se ou irando-se — e ocupando o lugar de personagem central da obra. Desse grupo variado e animado, destacam-se alguns tipos, a que o romancista soube atribuir uma individualidade marcante. Entre estes últimos, é inesquecível a figura de Rita Baiana, a bela, sensual, generosa e graciosa mulata, que se tornou uma das personagens mais notáveis da literatura brasileira.

4. RESUMO

O Cortiço apresenta uma história que se passa numa área suburbana do Rio de Janeiro do século XIX, registrando a vida do proletariado carioca, suas dificuldades e necessidades de toda ordem. Sua macronarrativa envolve as personagens João Romão e Miranda, comerciantes, sendo o primeiro o proprietário do cortiço, homem avarento e apegado aos bens materiais de maneira excessiva, e o segundo, morador de um sobrado próximo ao cortiço de Romão.

João Romão, homem trabalhador e mesquinho, conquista fortuna de maneira ilícita, amasiando-se com Bertoleza, escrava fugida, que possui uma quitanda e algum dinheiro economizado a duras penas. Ela passa a trabalhar mais intensamente quando vive com Romão e ele, a fim de agradá-la, compra-lhe uma carta de alforria falsa que asseguraria a Bertoleza a liberdade sonhada.

Assim, Romão toma como empréstimo o dinheiro da amásia, apropria-se de uma terra, constrói um pequeno negócio, roubando material de construção, e prospera rapidamente. A partir daí, ele edifica umas casinhas e aluga-as para pessoas de pouca capacidade econômica, que se vão amontoando na propriedade do português, surgindo, desse modo, a estalagem “São Romão”, próxima da pedreira na qual também trabalham os moradores do cortiço.

A prosperidade de Romão não agrada seu vizinho Miranda, menos rico do que o português, mas mais fino, dono de um sobrado em que residem, além de sua esposa Estela, num casamento de fachada que possibilita a ela uma vida irregular, a filha Zulmira, escravos, um parasita chamado Botelho, ex-empregado, e Henrique, um acadêmico de Medicina com quem Estela se envolve, sendo o relacionamento descoberto por Botelho.

Os habitantes do cortiço personificam os mais variados tipos, como o negro Alexandre, mulato pernóstico; a lavadeira Machona, cujos filhos não se parecem uns com os outros; Pombinha, moça franzina que se desencaminha por influência das más companhias; Jerônimo e Piedade, casal de portugueses, e Rita Baiana, dançarina provocante e sensual, que leva Jerônimo, apaixonado por ela, a se envolver em uma briga com o amante da moça, Firmo, hábil capoeirista que fere a navalhadas Jerônimo, o qual termina por abandonar a esposa e filha e matar o ex-amante de Rita Baiana.

Pombinha, jovem pura que passa o dia escrevendo cartas, tornando-se uma espécie de confidente dos moradores, acaba seduzida por Leonie, e Henrique, que se deleita olhando para Leocádia, conquista intimidade física com ela em troca de um coelho, porém, o marido Bruno os pega em flagrante delito e, após aplicar uma surra na esposa infiel, expulsa-a de casa.

No cortiço, a vida é rotineira e, aos domingos, todos vestem suas melhores roupas, conversam, dançam e festejam o final de semana.

Forma-se um novo cortiço nas proximidades, chamado de “Cabeça de Gato” pelos moradores do cortiço de João Romão, havendo muita rivalidade entre as duas habitações, principalmente após a morte de Firmo. No entanto, um incêndio misterioso destrói grande parte do cortiço de João Romão, pondo fim ao conflito.

O português reconstrói o cortiço, dando-lhe nova feição, e, satisfeito com sua prosperidade, investe agora em sua aparência e cultura, buscando estreitar os laços de amizade com Miranda e o velho Botelho, a fim de casar-se com uma mulher de fina educação. Interessado em Zulmira, filha de Miranda, Romão alia-se ao parasita Botelho que favorece o caminho para João Romão, mediante o pagamento de vinte contos de réis. Assim, por interesse mútuo, os dois portugueses, Miranda e João Romão, tornam-se amigos.

Concretizando seu negócio matrimonial, João Romão livra-se de Bertoleza, enviando uma carta aos proprietários da negra fugida, revelando seu paradeiro. Ao chegarem ao cortiço para reaver a escrava, ela, descobrindo a traição de João Romão, suicida-se com a mesma faca que usava para limpar o peixe preferido das refeições do português. Ironicamente, logo após a morte de Bertoleza, Romão é agraciado com um diploma de sócio benemérito de uma comissão de abolicionistas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No século XIX, os cortiços se espalhavam pelo Rio de Janeiro e eram construídos em galpões subdivididos internamente, habitados por trabalhadores e pessoas de todo tipo, frequentemente componentes do proletariado. Um dos maiores cortiços cariocas chamava-se Cabeça de

Porco, de propriedade do conde D’Eu, marido da princesa Isabel, onde viviam mais de quatro mil moradores.

Nesse ambiente não era raro encontrar-se toda sorte de podridão, promiscuidade, sujeira, malandragem, interesses, pessoas idôneas e sem caráter; um cardápio variado fazia parte dessa coletividade patologicamente analisada por Aluísio Azevedo.

As tendências filosóficas e científicas em voga na época, como o Evolucionismo, o Determinismo, o Positivismo, estão presentes na obra de Aluísio Azevedo a partir da redução das personagens ao nível animal, o zoomorfismo (*Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras... o prazer animal de existir... E naquela terra,... naquela umidade quente e*

lodosa, começou a minhoca a esfervilhar, a crescer,... uma coisa viva, uma geração que parecia espontânea,... multiplicar-se como larvas no esterco), a exploração de cenas coletivas e do cortiço, principal agente da trama, e, em menor escala, a análise psicológica de seres primários que se deixam conduzir pelos instintos sexuais, pela ambição e cobiça.

A exploração do homem pelo homem é devidamente representada na relação João Romão/Bertoleza, João Romão/Miranda, e a sórdida trama social se norteia por uma variada sorte de patologias sociais, relacionamentos por vezes bizarros, numa comunidade em que a traição em defesa de um determinado interesse é a lei e a ordem da vida.

□ Exercícios

Texto para as questões 1 e 2.

Texto I

1 Bertoleza, que havia já feito subir o jantar dos caixeiros, estava de cócoras no chão, escamando peixe, para a ceia do seu homem, quando viu parar defronte dela aquele grupo sinistro.

5 Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calefrio percorreu-lhe o corpo. Num relance de grande perigo compreendeu a situação: adivinhou tudo com a lucidez de quem se vê perdido para sempre. Adivinhou que tinha sido enganada; que a sua carta de alforria era uma mentira, e que o seu amante, não tendo coragem para matá-la, restituía-a ao cativo.

15 Seu primeiro impulso foi de fugir. Mal, porém, circunvagou os olhos em torno de si, procurando escapula, o senhor adiantou-se dela e segurou-lhe o ombro.

— É esta! Disse aos soldados que, com um gesto, intimaram a desgraçada a segui-los. — Prendam-na! É escrava minha!

20 A negra, imóvel, cercada de escamas e tripas de peixe, com uma das mãos espalmada no chão e com a outra segurando a faca de cozinha, olhou aterrada para eles, sem pestanejar.

25 Os policiais, vendo que ela se não despachava, desembainharam os sabres. Bertoleza então, erguendo-se com ímpeto de anta bravia, recuou de um salto, e antes que alguém conseguisse alcançá-la, já de um só golpe certo e fundo rasgara o ventre de lado a lado.

30 E depois emborcou para a frente, rugindo e esfocinhando moribunda numa lameira de sangue.

João Romão fugira até o canto mais escuro do armazém, tapando o rosto com as mãos.

35 Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito.

Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.

(AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d., cap. XXXIII, p.164-5.)

1. (PUC-RJ – Adaptada) – O texto corresponde à cena em que a escrava fugida Bertoleza comete suicídio, quando se depara com os policiais que vêm capturá-la, após denúncia de seu paradeiro feita por João Romão, o amante. Leia-o atentamente e responda às questões propostas em “a” e “b”.

a) Explique uma característica do Realismo-Naturalismo expressa no trecho compreendido entre as linhas 24 a 31 (“Os policiais...de sangue”).

b) Transcreva a passagem em que o leitor deduz a ironia dos acontecimentos, provocada pelo contraditório comportamento de João Romão.

3. Em *O Cortiço*, há dois espaços justapostos que se contrapõem, representando ambos duas situações sociais distintas entre si: o sobrado, do português Miranda, é o símbolo da elite econômica; o cortiço, do também português João Romão, é a habitação por excelência do proletariado urbano. Para João Romão, o cortiço será o meio que lhe propiciará ascensão econômica; o sobrado representa a ascensão social.

O leitor percebe que, no parágrafo seguinte, extraído do capítulo II, o narrador apresenta as opiniões de Miranda sobre seu vizinho:

Feliz e esperto era o João Romão! esse, sim, senhor! Para esse é que havia de ser a vida!... Filho da mãe, que estava hoje tão livre e desembaraçado como no dia em que chegou da terra sem um vintém de seu! esse, sim, que era moço e podia ainda gozar muito, porque quando mesmo viesse a casar e a mulher lhe saísse uma outra Estela era só mandá-la para o diabo com um pontapé! Podia fazê-lo! Para esse é que era o Brasil!

Trata-se de estilo direto, indireto ou indireto livre? Explique, apresentando elementos do texto que justifiquem sua resposta.

2. (PUC-RJ – Adaptada) – Diga a quem se refere **no texto** cada pronome grifado abaixo:

*Reconheceu logo o filho mais velho do seu primitivo senhor, e um calefrio percorreu-**lhe** o corpo.* (linhas 5 a 7)

*Ele mandou que **os** conduzissem para a sala de visitas.* (linhas 38 e 39)

4. Qual a opinião a respeito do Brasil que, no texto da questão anterior, está implícita no que pensa Miranda?

5. No capítulo II, ao apresentar a personagem Botelho, escreve o autor:

E agora, coitado, já velho, comido de desilusões, cheio de hemorroidas, via-se totalmente sem recursos e vegetava à sombra do Miranda...

Há, nesse trecho, dois traços de estilo que são muito frequentes nos escritores naturalistas: a associação do psicológico (ou emocional) com o físico (ou material) e o recurso a notações consideradas “baixas”, notações de vileza, de degradação ou de algo indecoroso. Exemplifique esses dois traços de estilo com elementos da frase citada.

6. Ao referir-se a Rita Baiana, o narrador diz que ela era “volúvel [= leviana] como toda a mestiça”. Aqui, temos a expressão de um preconceito determinista que era tomado como verdade científica pelos naturalistas. De que determinismo se trata?

Texto para a questão 7.

E viu Rita Baiana, que fora trocar o vestido por uma saia, surgir de ombros e braços nus, para dançar. A lua destoldara-se neste momento envolvendo-a na sua coma de prata, a cujo refulgir os meneios da mestiça melhor se acentuavam, cheios de uma graça irresistível, simples, primitiva, feita toda de pecado, toda de paraíso, com muito de serpente e muito de mulher.

7. Uma marchinha de carnaval de 70 anos atrás começava assim: “A lua vem surgindo cor de prata / cor de prata / cor de prata / que saudade da mulata!” – O que há de comum entre a letra da música de Lamartine Babo e a descrição do surgimento de Rita Baiana para dançar, no texto transcrito?

8. Os realistas (os naturalistas sobretudo) queriam captar a realidade de forma mais precisa, direta e abrangente do que os românticos. Estes últimos tendiam, não a falar das coisas diretamente, mas a substituí-las por metáforas, elementos comparativos. (Lembre-se de que a metáfora é uma comparação abreviada: comparação — “seus olhos são brilhantes como sóis”; metáforas — “seus olhos são sóis”, “os sóis do seu rosto”). Os realistas tendiam a evitar o estilo metafórico dos românticos. Mas o estilo de Aluísio Azevedo, como também o de certos naturalistas, é bastante metafórico. Aponte as metáforas e comparações na descrição seguinte:

Jerônimo ficou sozinho no meio da estalagem. A lua, agora inteiramente livre das nuvens que a perseguiam, lá ia caminhando em silêncio na sua viagem misteriosa. As janelas do Miranda fecharam-se. A pedreira, ao longe, por detrás da última parede do cortiço, erguia-se como um monstro iluminado na sua paz. Uma quietação densa pairava já sobre tudo; só se distinguiam o bruxulear dos pirilampos na sombra das hortas e dos jardins, e os murmúrios das árvores que sonhavam.

9. Ainda quanto ao emprego de linguagem figurada, leia o trecho a seguir e responda ao que se pede.

Meio-dia em ponto. O sol estava a pino; tudo reverberava à luz irreconciliável de dezembro, num dia sem nuvens. A pedreira, em que ela batia de chapa em cima, cegava olhada de frente. Era preciso martirizar a vista para descobrir as nuances da pedra...

No trecho acima, que inicia uma das descrições muito precisas que se encontram em *O Cortiço*, o autor utilizou duas fortes metáforas: o adjetivo *irreconciliável* e o verbo *martirizar*. Comente essas metáforas, explicando seu efeito descritivo.

Texto para a questão 10.

Mas o vendeiro afastou-se, indiferente às frases que uma ou outra lavadeira imprecava contra ele. Elas, porém, já se não mostravam tão indignadas como na véspera; uma só noite rolada por cima do escândalo bastava para tirar-lhe o mérito da novidade.

10. Qual o traço de psicologia coletiva observado no parágrafo acima?

11. A hostilidade entre os dois cortiços, o “Cabeça de Gato” e o “São Romão”, é decorrente de conflitos de interesse entre os moradores ou entre os proprietários? Por quê?

12. Sabia-se que o conde d’Eu (1842-1922), marido da princesa Isabel, explorava cortiços no Rio de Janeiro. Por que se pode ver, no “Cabeça de Gato”, uma referência indireta a essa fonte de renda secreta do conde (que, durante o Império, chegou a ser regente do Brasil)?

Daí a pouco, em volta das bicas era um zum-zum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pelo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam...

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*)

13. (UFRRJ) – São características desse texto, consideradas típicas do Naturalismo, entre outras,

- a) o idealismo e o comportamento determinista.
- b) a ênfase no aspecto material da vida e o comportamento sofisticado.
- c) as comparações dos seres humanos com animais.
- d) a representação objetiva da vida e o endeusamento do ser humano.
- e) a fuga à realidade e o positivismo exacerbado.

14. (ITA) Acerca do romance *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, **não** é correto dizer que

- a) todas as personagens, por serem muito pobres, enveredam pelo mundo do crime ou da prostituição.
- b) as personagens, ainda que todas sejam pobres, possuem temperamentos distintos, tais como Bertoleza, Rita Baiana e Pombinha.
- c) homens e mulheres são, na sua maioria, vítimas de uma situação de pobreza que os desumaniza muito.
- d) as personagens, na sua maioria, sejam homens ou mulheres, vivem quase que exclusivamente em função dos impulsos do desejo e da perversidade sexual.
- e) a vida difícil das personagens, tão ligadas à criminalidade e à prostituição, é condicionada pelo meio adverso em que vivem e por problemas biopatológicos.

O CORTIÇO

- 1) a) Serão aceitas respostas que, de algum modo, revelem as seguintes ideias: O comportamento humano é determinado por forças biológicas (o instinto, a herança genética), sociológicas e históricas; Os fatos psicológicos e sociais são vistos, pelo Realismo-Naturalismo, como manifestações naturais e, portanto, nada tendo a ver com fenômenos transcendentais; As circunstâncias externas determinam a natureza dos seres vivos, inclusive a do homem. A realidade passa por um processo evolutivo, dentro de um sistema de leis naturais totalmente definidas.
- b) “Nesse momento parava à porta da rua uma carruagem. Era uma comissão de abolicionistas que vinha, de casaca, trazer-lhe respeitosamente o diploma de sócio benemérito. Ele mandou que os conduzissem para a sala de visitas.”
- 2) *lhe*: Bertoleza.
os: os abolicionistas reunidos em comissão.
- 3) Trata-se de estilo indireto livre. O estilo é *indireto* porque o narrador altera alguns elementos do que foi falado (pessoas pronominais, tempos verbais etc.), para adaptar a fala a seu discurso. Assim, as palavras ditas ou pensadas por Miranda, “*Feliz e esperto é o João Romão!*”, passariam, na frase do narrador em estilo indireto, a “Miranda dizia (ou pensava) que feliz e esperto *era* o João Romão”. No texto, como não aparece a frase com o verbo introdutório e a conjunção (*Miranda dizia que*), o discurso indireto é *livre*. O narrador não atribui explicitamente o discurso à personagem, mas pela forma da frase e por seu contexto, o leitor percebe que o discurso é da personagem. Os ficcionistas do Realismo, inclusive os naturalistas, ampliaram grandemente o uso do discurso indireto livre.
- 4) Está implícita, no que pensa Miranda, a ideia de que o Brasil é um paraíso para os espertos. O País não é visto como um lugar de trabalho construtivo, mas sim um lugar para fazer a América, ou seja, enriquecer facilmente e aproveitar de tudo sem escrúpulos.
- 5) Associação de emocional com físico: “comido de desilusões, cheio de hemorroidas”. Notação “baixa”: “cheio de hemorroidas”.
- 6) Trata-se do *determinismo de raça*, que era tomado como verdade científica e que degenerou em simples preconceito racial, como se vê no trecho citado.
- 7) O que há de comum é a relação entre a mulata e a lua: a mulher é, nos dois textos, associada ao brilho prateado da lua.
- 8) Metáforas: “livre”, “perseguiam”, “caminhando”, “viagem misteriosa”, “densa”, “pairava”, “murmúrios”, “sonhavam”. Comparação: “como um monstro iluminado na sua paz”.
- 9) *Irreconciliável* é um adjetivo que atribui à luz uma qualidade dura, agressiva, muito própria de um dia de sol forte no Rio de Janeiro, em pleno meio-dia. A expressão “martirizar a vista” é uma hipérbole (exagero) que, metaforicamente, sugere quanto o brilho refletido pela pedra era intenso, de forma a ser necessário forçar muito, como que torturar, *martirizar* os olhos para poder distinguir alguma diferença naquele bloco de pedra. Essas duas metáforas *personificam* seres inanimados (por isso são chamadas *prosopopeias*) e, com isso, tornam muito viva a descrição.
- 10) É o gosto das novidades e o fato de que as reações mais violentas da multidão (como a indignação que

se viu no capítulo anterior, relativa ao mesmo episódio) podem mudar e se acalmar de um dia para o outro.

- 11) O conflito é gerado e alimentado por motivos inteiramente alheios aos interesses dos moradores: os proprietários veem um no outro um concorrente que ameaça o seu negócio.
- 12) Porque o “Cabeça de Gato” não pertence, na verdade, ao português que se apresenta como seu dono. Este não passa de testa de ferro de um homem da política e da alta sociedade, “um abastado conselheiro”, homem “de gravata lavada”.
- 13) C
- 14) A – A alternativa estabelece uma relação causal exorbitante entre pobreza, criminalidade e prostituição; primeiro, porque nem todas as personagens são pobres (Miranda, Estela, Zulmira, Henrique, moradores do sobrado, são burgueses prósperos e abastados); segundo, porque nem todas enveredam pelo mundo do crime e da prostituição, ainda que sejam degradadas pela miséria.